

Igreja missional: um paradigma eclesiológico emergente

Flávio Bessa



Introdução

Atualmente está muito em voga o modelo eclesiológico de igrejas missionais. Muitas igrejas, pastores e líderes evangélicos tem se intitulados como “missionais”. Mas de fato o que significa o termo missional?

Considerando o cenário urbano e o desafio das cidades, em especial nas grandes metrópoles, percebe-se que esse modelo tem sido eficaz para levar o evangelho ao homem urbano, pois esse paradigma tem se detido em questões contemporâneas inquietantes, tais como: violência, meio ambiente, justiça social, política e economia. Afinal o ser humano está no mundo e esses temas causam certas preocupações legítimas em qualquer pessoa.

Sendo assim, este artigo tem como base teórica a dissertação: *Missão, Cultura e Transformação: Desafios para a prática missionária comunicativa (2010)*, do pastor pentecostal David Mesquiati de Oliveira. Em sua dissertação, o autor estabelece um diálogo com a dimensão comunicativa da teoria habermasiana, do filósofo da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas, para classificar a ação missionária e avaliar o seu impacto no mundo.

Desse modo, o pastor David Mesquiati procura articular a dimensão comunicativa dessa teoria com a missão da igreja, as quais juntas (a ação missionária com a dimensão comunicativa habermasiana) formam na concepção do autor um paradigma missionário emergente. Portanto, o agir comunicativo e a ação da igreja na dimensão social da vida é uma prática relevante e alternativa para interagir com a sociedade pós-moderna.

Dessa forma, estabeleceremos uma reflexão teológica para melhor definir sobre o que é este paradigma eclesiológico emergente, bem como suas teologias, práticas e possíveis implicações para a missão. Na primeira seção será definido o que é uma igreja missional. A segunda seção abordará acerca da misericórdia como critério teológico para uma igreja missional. A terceira seção tratará sobre possíveis implicações teológicas no modelo de igrejas missionais.

1. O que é uma igreja missional?

De início seria interessante definirmos o que de fato é uma igreja missional. No primeiro capítulo (“A identidade e o papel da igreja”), do livro *A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações* (2014), Michael Goheen traz a memória do leitor, a icônica letra da música de John Lennon: *Imagine*. Nessa canção John Lennon imaginava um mundo melhor, sem guerras, injustiças, contendas, misérias, desigualdades, etc. Um sonho de comunidade aqui na terra.

Assim, Michael Goheen indaga: “Não é a igreja cristã que deve ser exatamente a espécie de sociedade com a qual os hippies dos dias de Lennon sonharam?” (Goheen, 2014, p. 18). Uma comunidade que torna visível estas coisas: justiça, educação, fraternidade, igualdade e paz, aqui e agora no tempo presente da vida comunitária (Goheen, 2014). Percebe-se que a sociedade em geral anseia por isso, e quem tem o dever bíblico de ser luz entre as nações é a Igreja.

A Bíblia ensina que a Igreja é um povo eleito por Deus, o qual foi chamado das trevas para proclamar a maravilhosa luz.

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (1Pe 2.9,10).

“Essa maneira de compreender e expressar o papel e a identidade da igreja recebeu a designação ‘missional’” (Goheen, 2014, p. 20). Esse termo é formado pela palavra missão que no contexto religioso traz a ideia de envio, de uma pessoa que foi enviada com um propósito específico, o qual é proclamar a Palavra de Deus (Costa, 2021). Essa palavra acrescida pelo sufixo “al” indica relação, pertinência. Daí temos o adjetivo missional que em termos bem simples significa enviado com uma pertinência. Mas qual seria esta pertinência?

Carriker responde essa indagação da seguinte forma:

O adjetivo ‘missional’ se instalou para se referir especificamente ao engajamento das comunidades locais em alcançar pessoas de fora da igreja, mas que tinham contato com seus membros. De certo modo, dizer que uma igreja é missional significa dizer simplesmente que ela exerce sua vocação missionária no contexto em que está inserida (Carriker, 2018, p. 9).

A concepção teológica do movimento das igrejas missionais é que essas comunidades são enviadas por Deus no contexto local para agir com o propósito de servir ao próximo. Esta é a pertinência. Servir ao próximo deixando de lado seus interesses pessoais, exercendo sua vocação como igreja no contexto local. Assim, “a ação missionária precisa ser práxis transformadora” (Oliveira, 2010, p. 15).

Nesse ponto, Goheen acrescenta que:

Na sua melhor definição, ‘missional’ descreve não uma *atividade* específica da igreja, mas a própria *essência e identidade* da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo (Goheen, 2014, p. 20, *itálicos do autor*).

Sendo assim, para David Mesquiati de Oliveira (2010), a ação no mundo é a chave interpretativa para se compreender o conceito de igreja missional. “Esta ação passa a ser uma chave hermenêutica: ação de Deus e ação das suas testemunhas/discípulos” (Oliveira, 2010, p. 16). Portanto, uma igreja missional é uma igreja que age em meio a comunidade na qual está inserida. Pois, como o próprio Jesus ensinou “não se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa” (Mt 5.15).

Todavia, existe um grande desafio no mundo contemporâneo que é a pós-modernidade. Assim, a Igreja precisa lidar com essa sociedade pós-moderna que é plural. O pastor David Mesquiati ensina que: “Uma postura tolerante e dialógica conduzirá a igreja cristã a um novo espírito missionário” (Oliveira, 2010, p. 19). Logo uma igreja missional é uma igreja que procura dialogar com esta sociedade pós-moderna, a fim de proclamar as virtudes daquele que nos chamou das trevas para uma maravilhosa luz.

Nesse sentido, o citado autor se apropria do instrumental da teoria da ação habermasiana para defender “que é possível uma sociedade reger-se pela ação comunicativa e voltar-se para um entendimento mútuo, abrindo mão de um agir estratégico egocêntrico/etnocêntrico” (Oliveira, 2010, p. 25). Portanto, o autor aplica a teoria da ação comunicativa no âmbito eclesiológico para estabelecer: “Um novo paradigma missionário ecumênico emergente”, pois: “Um novo tempo [pós-moderno] demanda novos métodos e posturas” (Oliveira, 2010, p. 40).

Dessa forma, o modelo de igrejas missionas, trata-se de um novo paradigma emergente. Na próxima seção abordaremos acerca da misericórdia como critério teológico para uma igreja missional.

2. A misericórdia como critério teológico para uma igreja missional

No poema *O Contrário do Amor é a Indiferença*, Martha Medeiros revela que o contrário do amor não é o ódio como muitos acreditam; mas a indiferença. Segundo Medeiros:

Para odiar alguém, precisamos reconhecer que esse alguém existe e que nos provoca sensações, por piores que sejam.

[...]

Já para sermos indiferentes a alguém, precisamos do quê? De coisa alguma. A pessoa em questão pode saltar de bungee-jumping, assistir aula de fraque, ganhar um Oscar ou uma prisão perpétua, estamos nem aí.

Assim, o oposto do amor é a indiferença. Quando somos indiferentes demonstramos que não nos importamos. Como diz a poetisa “estamos nem aí”.

Portanto, uma igreja missional é uma comunidade que procura comunicar o amor de Deus e superar a indiferença, e busca como critério teológico a prática da misericórdia para o desenvolvimento de sua eclesiologia. Pois uma igreja missional é uma comunidade consciente das muitas necessidades das pessoas, e tem a diaconia como um instrumento transformador.

Nesse sentido, David Mesquiati de Oliveira: “Em se tratando da América Latina e das desigualdades tão gritantes, outro limite desafiador que um modelo comunicativo busca contrapor é a indiferença. O critério teológico proposto para superá-lo é a misericórdia” (Oliveira, 2010, p. 77). Assim, o autor comenta que: “Há muita coisa a ser feita pelos povos latino-americanos – política, social, econômica e teologicamente – mas, a misericórdia precisa ser um critério estruturante” (Oliveira, 2010, p. 83). Portanto, a prática da misericórdia deve ser um critério missionário a ser bem observado no contexto da América Latina.

Podemos ver nas palavras do próprio Jesus, na parábola do *Bom Samaritano* (Lc 10.25-37), a misericórdia como prática teológica. Essa passagem relata que “certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova” e lhe indagou: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (v. 25). Jesus perguntou: “Que está escrito na Lei?” (v. 26). Ele respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (v. 27). Jesus disse: “Respondeste corretamente; faze isto e viverás” (v. 28).

Mas ele ainda querendo pôr Jesus à prova, perguntou: “Quem é meu próximo?” (v. 29). Daí Jesus contou uma parábola que tinha como lição a misericórdia como critério para a prática daqueles que queriam ser religiosos. Vejamos:

Jesus prosseguiu dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para

uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gatares a mais, eu to indenizarei quando voltar (Lc 10.30-35).

Assim, Jesus perguntou para o interprete da Lei. “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? (v. 36). E ele respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele”. Diante da resposta evidente, Jesus ensinou: “Vai e procede tu de igual modo” (v. 37). “A misericórdia é um amor específico. Que reconhece a dignidade do outro. Sensível ao outro. Sempre pronto” (Oliveira, 2010, p. 84).

Dessa forma, “A misericórdia como critério missionário acentua a realização do amor” (Oliveira, 2010, p. 85), sendo ela um critério teológico para uma igreja missional. Contudo, esse modelo eclesiológico possui algumas possíveis implicações que precisa ter cuidado, os quais serão abordados na próxima seção.

3. Possíveis implicações do modelo de igrejas missionais

O modelo de igrejas missionais tem se demonstrado bastante relevante no contexto das cidades, pois tem uma postura consistente da missão da igreja no meio urbano, sendo que encontra sua fundamentação bíblica na prática da misericórdia. Como bem mencionado, trata-se de um novo paradigma missionário ecumênico emergente (Oliveira, 2010). Mas esse paradigma guarda algumas implicações teológicas que podem levar a igreja a perder o foco da Missão. Portanto, é preciso ter discernimento e cautela.

Uma destas implicações teológicas é o atual emprego do conceito de *Missio Dei* articulado pelo teólogo alemão Karl Barth. Percebe-se que a *Missio Dei* permeia o modelo eclesiológico de igrejas missionais. Assim, faz-se necessário advertir que esse conceito tem se tornado ao longo dos anos muito amplo e vago. Pois tudo que podemos fazer de bem (justiça social, envolvimento político, cuidado com o meio ambiente, etc.), constitui-se em *Missio Dei*.

Logo isso pode levar um enfraquecido da ideia de missões. Áreas como, por exemplo, o cuidado com o meio ambiente tem sido considerado como parte da missão, de acordo com a ampla concepção de *Missio Dei*. Logicamente, nada contra o cuidado com o meio ambiente. Temos que ter um meio ambiente ecologicamente equilibrado, mas essa concepção abrangente tem abarcado várias áreas e tornado vaga a ideia de missões.

Portanto o conceito de missão deve ser bem compreendido pela liderança da igreja local, pois existe um perigo de se perder a ideia de missão em razão da amplitude da *Missio Dei*. “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Esta é a principal missão da Igreja, ir e fazer discípulos de todas as nações. É preciso foco e determinação para fazer discípulos nas nações. Dessa forma, o conceito de *Missio Dei* se não for bem compreendido, confundirá a mente das pessoas, as quais pensarão que poderão ser missionários onde estão cuidando do meio ambiente, engajando em movimentos sociais, e que não precisarão ir até os confins da terra. Todavia, o Senhor comissionou a Igreja para ir às nações. Está é a Grande Comissão.

Nesse sentido, surge uma outra possível implicação teológica, que consideramos decorrente da primeira, a qual é o não cumprimento do princípio da simultaneidade de levar o evangelho até os confins da terra. O princípio da simultaneidade exorta a igreja a ter o encargo de levar o evangelho de Cristo a vários povos e segmentos ao mesmo tempo. Ele é decorrente do texto de Atos 1.8, “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Nesse versículo fica claro a simultaneidade de se levar o evangelho tanto no nível local, como regional, nacional e transcultural.

Em Atos 16.9 vemos que: “À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos”. Esse texto, assim como o de Mateus 28.19 e Atos 1.8 enfatizam a necessidade de se cruzar as fronteiras para alcançar os perdidos com o evangelho. As nações estão clamando. Assim, é preciso foco e determinação para fazer discípulos nas nações. Portanto, uma igreja pode ser missional, cumprindo bem o seu chamado para ser luz em nível local; mas deixar de ser missionária, não cumprindo o ide de Jesus “até aos confins da terra”.

Por último, outra possível implicação teológica que existe no modelo das igrejas missionais é a grande influência da Teologia da Missão Integral (TMI). Alguns teólogos, dizem que a TMI carrega uma influência marxista e que seria uma versão evangélica da Teologia da Libertação da Igreja Católica. No entanto, vemos que a missão integral tem muitas contribuições positivas, em particular no âmbito da América Latina e do Caribe.

A própria Bíblia ensina que:

Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta (Tg 2.15-17).

Apesar disso, temos que analisar a TMI com cuidado, verificando cada ponto e retendo aquilo que é bom para a igreja, sem perder a essência missionária. Porque no afã de enfrentar as mazelas sociais, a missão integral, acaba por enfatizar demasiadamente o aspecto diaconal em detrimento do aspecto missionário da igreja. O próprio René Padilla disse que: “O mundo todo é um ‘campo missionário’ e cada necessidade humana é uma oportunidade de ação missionária” (PADILLA, 2009, p. 20, grifamos). Demonstrando assim a TMI uma grande ênfase na ação diaconal, através da necessidade humana.

Considerando algumas imagens que moldam a igreja, segundo Goheen, poderíamos mencionar que a congregação que tem a TMI como ênfase para sua prática eclesiológica pode se assemelhar a um posto de assistência social. Vejamos:

Igreja como posto de assistência social: O braço de assistência social do governo existe para cuidar dos fracos, necessitados e pobres. A igreja compassiva, preocupada com a misericórdia diaconal na sua vizinhança, pode se parecer com esse tipo de instituição no seu cuidado pelos necessitados (GOHEEN, 2014, p. 35).

Portanto, ao definir a missão da igreja a partir dos problemas da sociedade, a TMI tira o evangelho do foco e o substitui pela ação social. A Bíblia é muito clara quando nos adverte da importância de cuidarmos dos necessitados, mas não podemos atribuir a essa tarefa um caráter de centralidade da igreja, pois muito além da necessidade humana, o homem precisa se reconciliar com Deus.

Conclusão

Considerando o que foi abordado neste artigo sobre o modelo das igrejas missionárias, percebe-se que este paradigma eclesiológico emergente, trata-se de um bom modelo a ser aplicado no contexto urbano, pois resgata no meio da igreja o

ímpeto de transformação da sociedade, porquanto: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” (Mt 5.13). Portanto, a igreja deve ser um sal que tem sabor.

Nesse sentido, as igrejas missionais tem cumprido com o seu propósito bíblico de levar o cristão a ser um agente de transformação da sociedade na qual está inserido. Uma comunidade missional busca como critério teológico a prática da misericórdia para o desenvolvimento de sua eclesiologia, a fim de levar mudança no local em que está plantada e tornar visível no tempo presente, a justiça, a educação, a fraternidade, a igualdade e a paz. Uma igreja missional não é indiferente, porque verdadeiramente encarna o amor de Deus.

Todavia, percebe-se que o modelo de igrejas missionais dão uma grande ênfase ao conceito de *Missio Dei*, bem como a Teologia da Missão Integral, e esses aspectos devem ter a devida cautela pelo pastor da igreja local. Porquanto a ênfase demasiada pode causar um problema na definição da missão e o não cumprimento do princípio de fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.19) e de levar o evangelho simultaneamente até os confins da terra (At 1.8). Pois quando a missão é feita tão-somente no nível local, ela é parcial. As nações também precisam ser alcançadas. Portanto, a igreja deve ser o sal da terra e também luz para todas as nações.

Enfim, a igreja precisa ser missional, mas sem deixar de ser missionária. Essas duas vertentes devem andar juntas, apontando para a Grande Comissão e exposição do Evangelho de Cristo.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. Bíblia de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CARRIKER, Timóteo. *O que é Igreja missional: modelo e vocação da igreja no Novo Testamento* (Viçosa: Ultimato, 2018). 127 p.
- COSTA, Flávio Bessa da. *A Origem da Palavra Missão*. Disponível em: <https://blogflaviobessa.blogspot.com/2021/10/a-origem-da-palavra-missao.html>. Acesso em: 26 dezembro 2021.
- GOHEEN, Michael W. *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações* (São Paulo: Vida Nova, 2014). 286 p.

MEDEIROS, Martha. *O Contrário do Amor é a Indiferença*. Disponível em: https://www.pensador.com/o_contrario_do_amor_e_a_indiferenca/. Acesso em: 21 dezembro 2021.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. São Leopoldo.

PADILLA, René C. *O que é missão integral?* (Viçosa: Ultimato, 2009). 136 p.



Flávio Bessa

Sobre o autor

Mestrando em Teologia, com ênfase em Ministério, pelo Seminário Evangélico da Igreja de Deus (SEID/Goiânia), especialização em Teologia Sistemática e também em Missiologia, ambos pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPPAJ), convalidação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV), graduação em Formação Eclesiástica Plena em Teologia pelo Seminário Evangélico da Igreja de Deus (SEID/Goiânia) e evangelista consagrado pela Igreja de Deus no Brasil.